

Sociedade Capitalista, Competição e Valores Dominantes: a busca dos valores autênticos como processo de luta anticapitalista*

Mateus Vieira Orio**

O presente trabalho tem como objetivo promover uma discussão acerca do tema “sociedade competitiva”. Para tanto, a pretensão é discutir a sociedade contemporânea e a manifestação da competição nesta sociedade. Deste modo, a sociedade atual é concebida como sociedade capitalista, marcada pela divisão da sociedade entre classes sociais. E a competição se apresenta tanto a nível social como a nível pessoal como manifestação dos valores burgueses. Deste modo, a luta contra a sociedade capitalista se constitui em uma luta contra os valores dominantes, uma luta em prol dos valores humanistas autênticos e uma luta que não é individual, mas social.

Entendemos aqui sociedade como “o conjunto das relações sociais existentes em determinado território e momento histórico. Assim, podemos falar de sociedade brasileira, sociedade capitalista, sociedade feudal, etc. [...]” (VIANA, 2011, p. 9). Mas se queremos falar da sociedade contemporânea é necessário compreender em qual sociedade vivemos. Desta forma, partimos do entendimento de que vivemos na sociedade capitalista e, nesse sentido, pretendemos abarcar a totalidade das relações sociais, não nos limitando a tratar de um país determinado, mas tratando de uma época determinada, que é a contemporaneidade. A época que nos é contemporânea, porém, não é vazia em conteúdo histórico, mas é fruto de um processo.

Após vários processos sociais – desde o aumento no número de cidades na Idade Média, o aumento das transações comerciais, a expansão dos mercados, a Reforma Protestante até o Iluminismo, as chamadas Revoluções Burguesas e a Revolução Industrial – são solapadas as bases que sustentavam o feudalismo e inicia-se a era do capitalismo, inaugurando assim a modernidade (ORIO, 2014, p. 20-21).

Entendemos então, a despeito da distinção historiográfica entre idade moderna e idade contemporânea, que vivemos na modernidade e o que marca este contexto é o capitalismo e este é entendido como um modo de produção. Assim, ele não é, como muitos pensam de maneira simplória, um “sistema” econômico ou uma “forma de governo”:

* O presente texto apresenta-se como um desdobramento das ideias anteriormente expostas em um artigo publicado na Revista Posição (ORIO, 2015).

** Doutorando em Sociologia pela Universidade Federal de Goiás (UFG), Mestre em Sociologia (UFG), Graduado em ciências sociais (UFG).

Assim, o capitalismo é uma maneira que os seres humanos desenvolveram para produzir e reproduzir suas condições materiais de existência e, assim como os modos de produção anteriores (ex.: escravismo, feudalismo), não é um produto determinado imediatamente pela relação dos seres humanos com a natureza. Ele é uma construção social que implicou em diversas escolhas dos seres humanos no decorrer da história. E, como todo modo de produção específico, traz consigo representações, ideias, valores, etc. correspondentes e convenientes à forma de produção material que lhe é específica (ORIO, 2014, p. 21).

Quais são, além disso, as características do capitalismo? Podemos apresentar, inicialmente, como uma característica fundamental deste modo de produção, a divisão da sociedade entre distintas classes sociais. Deste modo, entendemos que o modo de produção capitalista – assim como o feudal e o escravista que o precederam – é um modo de produção marcado pelas desigualdades sociais. Não queremos dizer assim que os seres humanos sempre desenvolvem formas desiguais de sociedade, mas simplesmente que a história da humanidade – com exceção ao chamado comunismo primitivo, em que os seres humanos viviam em condições de luta pela sobrevivência devido à escassez de recursos e tecnologia – tem sido a história do conflito entre classes sociais, tal como apresentaram Marx e Engels no *Manifesto do Partido Comunista* (1998). A característica da desigualdade social, portanto, é um elemento que acarreta em conflitos sociais, acarreta, nesse sentido, em competição, como desenvolveremos a seguir.

O capital é o que caracteriza a sociedade capitalista. Afinal esta sociedade, marcada por este modo de produção, encontra-se fundamentada na acumulação de capital. O capital é uma relação social entre diferentes classes sociais. O dinheiro só se torna capital na medida em que ele é empregado na circulação de mercadorias para gerar lucro, ou seja, para que quem o investe receba uma quantidade maior que investiu. E para gerar lucro é necessário explorar força de trabalho, pois é a força de trabalho que cria riquezas na sociedade.

Por força de trabalho ou capacidade de trabalho entendemos o conjunto das faculdades físicas e espirituais que existem na corporalidade, na personalidade viva de um homem e que ele põe em movimento toda vez que produz valores de uso de qualquer espécie (MARX, 1996, p. 285).

Então, quanto mais trabalho é empregado para produzir uma mercadoria, mais esta mercadoria tem valor. Para se produzir uma camisa é necessário o trabalho de quem produziu a máquina de costura, o trabalho da costureira, assim como o trabalho de quem produziu a linha, de quem produziu o tecido, etc. Todos estes trabalhos diferentes agregam valor ao produto final, ou seja, à camisa. Na medida em que um trabalhador emprega seu trabalho na construção de um objeto ele recebe para isso um salário, mas o salário recebido não é

compatível com o trabalho desenvolvido porque o custo da força de trabalho é o custo da manutenção da vida do trabalhador (alimentação, moradia, sustento de seus filhos, etc.) e este custo é inferior ao que o trabalhador produz e isso possibilita lucro ao empregador.

Para que o “empregador” possa, de fato, empregar força de trabalho ele precisa ter a posse de meios de produção, ou seja, locais de produção, máquinas, matérias primas, matérias auxiliares, etc. Então, aquele que emprega outros indivíduos pertence, no seio das relações sociais capitalistas, à classe capitalista, enquanto que aquele que é empregado, ou melhor, que vende a sua força de trabalho, pertence ao proletariado. E se o trabalho é a fonte de riquezas no capitalismo e se o valor do salário não é compatível ao valor do produto do trabalho do proletário, este é, portanto, explorado pelo capitalista. Assim, o capital é esta relação de exploração entre capitalista e proletário e por isso o capitalismo é um modo de produção fundamentado na obtenção de lucro essencialmente originada pela exploração dos trabalhadores.

Além disso, se existe uma divisão entre classes sociais há uma classe que tem maior poder na sociedade. E esta classe é a classe capitalista, ou seja, os indivíduos que, com suas empresas e fábricas, exploram os demais. A partir disso, esta classe passa a ter poder para financiar e eleger os representantes do Estado, de influenciar os meios de comunicação, etc.

Enquanto a classe capitalista busca conservar as relações sociais existentes, conservar o capitalismo e aprofundar a exploração, o proletariado, por sentir na pele o peso da desigualdade, exploração do trabalho e da não realização de suas potencialidades, busca transformar as relações sociais existentes. O conjunto de contradições e desigualdades da sociedade; o grande número de pessoas insatisfeitas que esta sociedade gera; as crises sofridas pelo capitalismo, entre outras coisas, são elementos que contribuem para a destruição das relações sociais capitalistas. Mas as imposições instituídas em leis e costumes; a falta de consciência por parte dos indivíduos que são explorados; o poder da classe dominante, etc. são elementos que contribuem para a manutenção das relações sociais capitalistas.

O modo de produção da vida humana engloba tanto a produção material (alimentos, roupas, moradia, etc.), como também a produção ideal (ideias, costumes, leis, etc.). E como há uma classe dominante nesta sociedade, as ideias mais difundidas, as ideias dominantes, são as ideias propagadas pela classe dominante. Se a sociedade funciona e se mantém de uma determinada forma, as pessoas tendem a acreditar que aquela forma é a única possível,

ou a melhor possível, ou seja, tendem a naturalizar a sociedade. Deste modo, hoje em dia é comum crescermos acreditando em um determinado “ciclo de vida” que se desenvolve mais ou menos desta forma: nascer, crescer, ir para a escola, conseguir um emprego, casar-se, reproduzir-se, educar os filhos segundo a mesma educação que teve e morrer. Esta crença não é questionada, é aceita tão passivamente como a lei da gravidade, é, por isso, naturalizada. E é comum também crescermos acreditando na validade e imutabilidade dos modelos existentes de família, Estado, polícia, organizações burocráticas, etc.

Mas além da naturalização das relações sociais que nos são contemporâneas, há também outras duas tendências que reforçam e aprofundam as ideias da classe capitalista: o processo de mercantilização e o processo de burocratização das relações sociais. Nesse sentido, a produção capitalista, vai se expandindo e invadindo todos os setores da vida social, de forma que tudo, inclusive pessoas, passa a ser medido como as mercadorias: pelo seu valor de troca. Por isso as pessoas passam a ser avaliadas pelo que têm e não pelo que são. E com o aumento da intervenção estatal, a expansão do setor de serviços, o desenvolvimento de entidades de mediação política na sociedade civil e a ampliação do domínio das empresas privadas, que se concretizaram no decorrer do desenvolvimento capitalista, é efetivado um processo de crescente burocratização das relações sociais que dificulta ainda mais a busca autônoma pela realização das potencialidades humanas (VIANA, 2008).

Os seres humanos são então avaliados segundo aquilo que possuem. Quanto mais possuem mais são valiosos para a sociedade. Quanto mais compram mais importantes se tornam, e se não *têm* nada *são* insignificantes, invisíveis. As pessoas até se sentem melhores ao consumir, se sentem maiores. A cada nova roupa, carro ou aparelho eletrônico adquirido é como se a pessoa subisse um degrau na escala social. “[...] tem-se a impressão de que a própria essência do ser é ter: de que se alguém nada tem, não é” (FROMM, 1982, p. 35).

Os indivíduos passam a ser não só avaliados como também identificados por aquilo que possuem. A mercantilização da vida e a burocratização, são elementos do conjunto de relações sociais que realizam cotidianamente a reprodução das relações de produção dominantes. Desta forma o modo de produção acaba condicionando todas as demais esferas da vida social criando uma sociabilidade capitalista (VIANA, 2008). Os desejos de adquirir, manter e aumentar a propriedade privada fazem parte desta sociabilidade de modo que aqueles que possuem mais propriedade são admirados como seres superiores pelos demais (ORIO, 2014, p. 74-75).

A mercantilização e a burocratização das relações sociais, assim como a naturalização, são processos sociais que contribuem para a manutenção do modo de produção capitalista, ou seja, para a manutenção da sociedade capitalista:

Os valores dominantes fundamentais que cumprem um papel crucial na reprodução da hegemonia burguesa são aqueles que apontam para a riqueza material, o dinheiro, o poder, o status, o sucesso. A sociabilidade capitalista, fundamentada na competição, na mercantilização e na burocratização das relações sociais, gera uma mentalidade burguesa dominada por estes valores e que é mobilizadora, no sentido de reproduzir estas mesmas relações sociais (VIANA, 2007, p. 97).

Em nível social, a competição se expressa: na relação conflituosa entre diferentes companhias e nações capitalistas; nas relações entre as classes sociais; e, entre outras coisas, na busca por emprego. O capitalismo é um modo de produção que precisa se expandir. Conforme aumentam os investimentos em meios de produção, diminuem proporcionalmente os investimentos com trabalhadores (processo mecanização do trabalho), mas são os trabalhadores que geram lucro e com isso a taxa de lucro cai. E este processo acarreta em crises no capitalismo. E durante as crises as empresas que acumulam menos vão à falência, fazendo com que as grandes empresas cresçam cada vez mais.

A tendência de queda nas taxas de lucro capitalistas não é uma relação simples, mas podemos entendê-la da seguinte forma: se um produtor de camisas consegue uma máquina que reduz pela metade o tempo da produção de camisas e, além disso, reduza também pela metade o número de funcionários, ele obterá bastante lucro na medida em que poderá produzir mais camisas em menos tempo e menos custos do que os seus concorrentes. Mas, na medida em que a concorrência adote também a mesma tecnologia e também reduza pela metade o tempo de produção e o número de funcionários, ocorre aí uma mudança global na força produtiva de camisas¹, acarretando em uma drástica redução no valor social das camisas. As camisas valendo menos, o lucro do capitalista torna-se menor.

A crise de 1929 foi considerada uma crise de superprodução. Nesse sentido, eram produzidas muitas mercadorias e em grande escala, não havia, porém, compradores

¹ O tempo de trabalho necessário para a produção de uma mercadoria determinada varia conforme a força produtiva de trabalho e esta é determinada, entre outras coisas, pelo 'grau médio de habilidade dos trabalhadores, o nível de desenvolvimento da ciência e sua aplicabilidade tecnológica, a combinação social do processo de produção, o volume e a eficácia dos meios de produção e as condições naturais (MARX, 1996, p. 169). Assim, a grandeza de valor de uma mercadoria muda na razão inversa do desenvolvimento da força produtiva que nela se realiza, pois com a força produtiva mais desenvolvida, de modo a possibilitar a produção de uma mercadoria em menos tempo, o valor desta mercadoria (o tempo socialmente necessário para produzi-la) diminui (ORIO, 2014, p. 22).

suficientes para as mercadorias e assim o valor das mercadorias não se efetivava e, portanto, não poderia ser convertido em capital. Mas apesar da quebra da bolsa de Nova York, o que temos no início dos anos 1950 é a consolidação dos Estados Unidos como a maior potência econômica do mundo. O que há então entre 1929 e 1950 que possibilita que a consolidação econômica dos EUA? Sim: a Segunda Guerra Mundial! Com a guerra se efetivou uma destruição em massa de forças produtivas (máquinas, matérias primas, locais de produção, etc.) e também de força de trabalho (trabalhadores). E a reconstrução dos países destruídos pela guerra empreendida pelos estadunidenses, “bons samaritanos”, possibilitou grande acúmulo de capital.

Nesta época se inicia nos EUA e também em países da Europa o chamado “Estado de Bem-Estar Social”, em que havia emprego para quase todos os cidadãos estadunidenses, bem como boas condições de acesso a saúde e ao consumo em geral. Mas a derrocada do “Estado de Bem-Estar Social” apenas comprova a tendência das crises capitalistas decorrentes da tendência de queda nas taxas de lucro. Já no final dos anos 1960 nova crise se alastra nestes países muito em decorrência da insatisfação e lutas sociais nos demais países a eles subordinados. Estes são apenas exemplos históricos da manifestação das tendências do capitalismo, entre elas a competição entre empresas e nações capitalistas.

No que diz respeito às classes sociais, a *burguesia* (classe capitalista) deseja sempre ampliar a exploração enquanto classe dominante, para ampliar seus lucros, ampliar seu domínio sobre as demais, ampliar sua capacidade de impor suas verdades. Enquanto isso o *proletariado* e demais classes prejudicadas no capitalismo buscam tentar diminuir a exploração por meio do aumento do salário, diminuição das horas de trabalho, melhoria das condições de trabalho, mais benefícios, etc. A *burocracia* – uma classe social sustentada pelo rendimento acumulado através da exploração capitalista que é redistribuído pela sociedade – busca manter sua legitimidade e hierarquia: a polícia não pode matar de forma muito escancarada (ou deve pelo menos ocultar seus assassinatos), para não criar problemas para os governantes, por exemplo. E os *meios de comunicação* (geridos pelos capitalistas da comunicação) buscam difundir as ideias dominantes, mas também desenvolver atrações que agradem as demais classes e que possibilitem obter recursos estatais.

No que diz respeito à manifestação da competição na busca por emprego, cada indivíduo busca investir mais em sua formação pessoal, pode aceitar salários mais baixos

conforme o mercado de trabalho esteja muito concorrido, pode reivindicar melhores condições de emprego para sua própria categoria profissional em detrimento das outras, etc.

E, além do exposto acima, a competição se manifesta também a nível pessoal. Em primeiro lugar é necessário ressaltar que as relações afetivas não estão descoladas da sociedade. A sociedade não deixa de existir quando você começa a namorar uma pessoa. A língua, a classe social, o país de origem, a religião, entre várias outras coisas, interfere nas escolhas de com quem, onde e como se relacionar afetivamente.

Na sociedade contemporânea (sociedade capitalista) a amizade (e as relações afetivas em geral) é também permeada por valores inautênticos, ou seja, pelos valores difundidos pela classe dominante como forma de assegurar a manutenção de seu domínio. Cobranças imperiosas, conflitos de lealdade, falsidade e egoísmo, não expressam autenticidade, não expressam o apreço pelo ser humano. Desta forma, muito das relações afetivas que são construídas estão permeadas pelos valores dominantes na sociedade capitalista, como a concorrência e o individualismo. Isso porque contemporaneamente as pessoas precisam sobreviver a partir de um emprego, de uma atribuição na sociedade capitalista. E por mais que alguém diga não participar da sociedade capitalista, isto é uma ilusão. É possível se opor ao capitalismo, criticá-lo e lutar contra este tipo de sociedade que nos assola, porém não é possível estar fora disso.

O consumo de determinada mercadoria, por exemplo, é apenas um elemento da sociabilidade capitalista. Neste sentido, deixar de beber Coca-Cola ou, em geral, de comprar produtos de grandes companhias capitalistas, não significa romper com o capitalismo, mas apenas com uma ou outra empresa que está imersa em um conjunto de relações. Do mesmo modo, viver “de doações” ou viver de forma “rústica”, em contato com a natureza, etc. não constitui ruptura com o modo de produção capitalista. Esta conduta indica simplesmente o afastamento individual de um ou outro elemento deste modo de produção que, por sua vez, é social, não individual e não constitui, portanto, ruptura com o capitalismo. Nesse sentido, o capitalismo continua existindo e sendo determinante em inúmeras relações, podendo incluir até mesmo as relações que permitem que um indivíduo viva “de doações” ou que outro deixe de consumir carne Friboi, pois isso só é possível graças à existência de outros indivíduos que possuem condições de fazer doações e de outros produtores de carne, nestes exemplos.

Portanto, viver na sociedade contemporânea implica em viver na sociedade capitalista, que traz consigo uma forma de socialização que inculca determinados valores. Desta forma, na constituição de relações afetivas, no trabalho, por exemplo, o elemento da competição pode ter prevalência em relação a lealdade, altruísmo, etc. e por isso muitos indivíduos acabam buscando se relacionar com outros por interesse, ou seja, almejando subir de cargo, obter informações úteis para se sobressair, e também como forma de descobrir fragilidades que possam prejudicar o outro.

Assim também, nas escolas e universidades um “colega” pode se aliar a outro para obter boas notas, melhorar sua relação com o professor ou conseguir contatos e indicações futuras, bem como pode bajular determinados indivíduos para obter sucesso profissional e aceitação. E, desta forma, atitudes egoístas e individualistas passam a mediar relações em que um indivíduo deseja sobrepujar os demais: ser mais prestigiado, ganhar mais presentes ou elogios, ganhar uma vaga de emprego/ estágio, etc. E estes tipos de relação se desenvolvem não só nas relações de trabalho/ estudos, como também nas relações afetivas em geral, como quando uma pessoa deseja ser “mais amiga” de outra ou ser a “melhor amiga”, ou nos relacionamentos amorosos quando uma pessoa “concorre” pelo amor de outra.

Por fim, os valores dominantes na sociedade capitalista são transmitidos no processo pelo qual os indivíduos são formados para conviver em sociedade. Neste processo, com todas as dificuldades e obrigações que impõe, as pessoas acabam sendo levadas a reproduzir determinados tipos de valores, como o egoísmo e o individualismo, que não correspondem à constituição de relações sociais autênticas, fundamentadas no ser humano como valor fundamental, ou seja, relações sociais baseadas na solidariedade e na busca da realização das potencialidades humanas.

O fundamento das relações sociais autênticas existe em todos os seres humanos como potência, mas muitas vezes entra em conflito com os valores da sociabilidade capitalista. Por isso muitos indivíduos se confrontam com situações as quais têm muita dificuldade em definir entre a amizade e o interesse individual e estas são situações nas quais existe um conflito de valores: um conflito entre os valores humanistas e os valores capitalistas, entre a busca da solidariedade com o outro e a busca do sucesso individual nos moldes capitalistas. O próprio conflito demonstra que os valores capitalistas não “possuem” o indivíduo totalmente, havendo sempre uma margem para a manifestação de valores

humanistas, ou seja, de valores autênticos. Mas as fugas de um ou outro elemento isolado da sociedade capitalista não levam a prevalência dos valores autênticos sobre os inautênticos, pois estes são fruto de um processo social e a ruptura com eles deve ser, portanto, também social.

Nesse sentido, a busca da manifestação de valores autênticos é também uma forma de crítica à sociabilidade capitalista e pode se constituir em um movimento rumo à ruptura com esta sociabilidade. E a consolidação dos valores humanistas perpassa pela ruptura com a sociedade capitalista em que há a produção e reprodução de valores inautênticos os quais interferem nas relações afetivas. E assim, buscar uma sociedade alternativa ao capitalismo é caminhar em busca da efetivação de relações afetivas autênticas, baseadas no ser humano como valor fundamental.

Referências bibliográficas

FROMM, Erich. *Ter ou ser?* 4. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

MARX, Karl. *Manifesto do Partido Comunista*. São Paulo: Paz e Terra, 1998.

_____. *O capital*. Crítica da economia política, Livro I. Tomo I. São Paulo: Nova Cultural, 1996.

ORIO, Mateus Vieira. *Consumismo na sociedade contemporânea*. A dinâmica da criação de necessidades no mercado da informática. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2014.

_____. Relações afetivas e valores capitalistas. *Posição*, Goiânia, v. 2, n. 5, p.9-12, jan./mar. 2015. Trimestral. Disponível em: <<http://redelp.net/revistas/index.php/rpo/article/view/3orio5/195>>. Acesso em: 04 jun. 2015.

VIANA, Nildo. *Introdução à sociologia*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

_____. Para além da crítica dos meios de comunicação. In: _____ (org.). *Indústria cultural e cultura mercantil*. Rio de Janeiro: Corifeu, 2007.

_____. Universo psíquico e reprodução do capital. In: _____. *Universo psíquico e reprodução do capital*. *Ensaio freudo-marxistas*. São Paulo: Escuta, 2008. p. 17-40.